

Onde o Brasil é mais competitivo

Vendas de calçados, aviões, papel e manufaturados de aço podem garantir mais dólares

Editoria de Arte

Flávia Barbosa

Quatro dos oito principais produtos da pauta brasileira de exportações apresentam grande competitividade internacional, segundo estudo da carioca RC Consultores. As indústrias de calçados, aviões, papel e manufaturados de aço — que respondem por quase 10% das vendas externas, ou US\$ 5,2 bilhões — reúnem vantagens naturais ou comparativas sobre os setores em países desenvolvidos e no Mercosul e deveriam contar com um programa específico do governo para expansão da produção, aponta o levantamento. Sobre tudo agora, quando o cenário internacional turbulento acirra a competição comercial (com a queda da demanda), dificulta a entrada de dólares no Brasil e aumenta a necessidade de o país obter divisas com o comércio exterior.

— Nós exportamos pouco porque não há uma política consistente que privilegie a competitividade. Reunimos vantagens excelentes, não podemos jogar esta oportunidade fora. A única grande coisa feita em favor das exportações nos últimos dez anos foi o Proex (Programa de Incentivo às Exportações). A imensa carga tributária, que prejudica até mesmo os produtos competitivos, continua intocada — afirma Alexandre Fischer, diretor-executivo da RC.

Para listar os produtos mais competitivos, Fischer e Guilherme Fagundes, gerente de pesquisas, usaram o indicador de vantagem comparativa revelada, que correlaciona a participação de um produto no total das exportações de um país e do mundo para medir quem está em vantagem. Com US\$ 844 milhões exportados em 2000, os calçados pesam sete vezes mais nas vendas externas brasileiras do que nas mundiais.

O país é o terceiro maior produtor de sapatos (atrás de China e Índia), abriga uma das cinco maiores empresas do ramo (a Azaleia) e tem três centros avançados de produção: Nova Hamburgo e a região do Vale dos Sinos, ambas no Rio Grande do Sul; e o município paulista de Franca. Mesmo assim, o país exporta apenas 30% da produção.

— Falta dinamizar os embarques, é preciso uma comissão para adaptar ou criar produtos para os mercados compradores, pesquisar sub-segmentos, preparar as embaixadas para uma política pró-ativa — exemplifica Fagundes.

Encargos sociais dobraram custo trabalhista

A lógica é a mesma para os outros três produtos, à exceção da aviação que, por ter apenas a Embraer, consegue atrair os holofotes oficiais. Nestes setores, o Brasil é beneficiado por ter mão-de-obra e recursos naturais abundantes e pela herança estatal na siderurgia e na aviação, onde foram criadas empresas gigantescas com forte investimento em pesquisa e desenvolvimento.

A principal barreira para uma maior inserção do Brasil no comércio internacional, segundo os economistas, é a alta carga tributária sobre as exportações. Ao contrário de

As vendas externas do país

O BRASIL COMPETITIVO

Produtos e participação nas exportações (em 2000)



CALÇADOS

VOLUME EXPORTADO US\$ 844 MILHÕES

É o item de maior vantagem comparativa do Brasil em relação aos demais países do mundo. Isto porque boa parte do custo de produção é matéria-prima e mão-de-obra, que o país tem em abundância. Três regiões se destacam: Nova Hamburgo e Vale dos Sinos (ambos no RS) e Franca (SP). O Brasil é hoje o terceiro maior produtor mundial e exporta 30% da produção.



PAPEL E CELULOSE

VOLUME EXPORTADO US\$ 718 MILHÕES

A indústria nacional de papel e celulose ganhou espaço no mercado mundial após desenvolver tecnologia com fibras de eucalipto, árvore que o país tem em grande quantidade. Mesmo com grandes empresas — Klabin e Votorantim lideram o segmento — o setor tem perdido participação nas exportações globais. Hoje, exportamos 19% da produção e somos 1,5% das vendas externas totais



AVIAÇÃO

VOLUME EXPORTADO US\$ 1,55 BILHÃO

Os pesados investimentos na ex-estatal Embraer fizeram da empresa uma potência no mercado de aeronaves, especialmente no segmento de jatos regionais, onde representa 22,8% do total (a Bombardier lidera com 26,3%). O trunfo da Embraer é a produção de alta tecnologia e o acesso a financiamentos a custos razoáveis



MANUFATURADOS DE AÇO

VOLUME EXPORTADO US\$ 1.077 BILHÃO*

A produção siderúrgica nacional tem duas vantagens comparativas principais em relação aos demais países do mundo: tem matéria-prima abundante (minerais não-metálicos como ferro) e um setor com empresas de grande porte e que recebem investimentos pesados desde que eram estatais, como Companhia Vale do Rio Doce, Companhia Siderúrgica Nacional, Companhia Siderúrgica de Tubarão, entre outras.

*Entre janeiro e junho de 2001

O DINAMISMO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

(na década de 90)

Evolução da participação de produtos dinâmicos nas exportações (aviões, celulares etc)

Em relação ao mundo 5%

Em relação ao Mercosul 7%

Evolução da participação de produtos decadentes nas exportações (café, roupas etc)

Em relação ao mundo -20%

Em relação ao Mercosul -5%

A EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

(em US\$)

1994	43,5 bilhões
1995	46,5 bilhões
1996	47,7 bilhões
1997	53 bilhões
1998	51,1 bilhões
1999	48 bilhões
2000	55,1 bilhões
2001*	28,927 bilhões

O PESO DOS IMPOSTOS NO PREÇO DOS AUTOMÓVEIS

BRASIL	33,8%	Alemanha	13,8%
Argentina	21%	Japão	9,1%
França	17,1%	EUA	6,6%
Itália	16,7%		

Fonte: RC Consultores

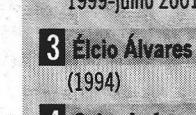
O RANKING DOS MINISTROS

(contribuição do titular da pasta de Indústria e Comércio ou do Desenvolvimento às exportações, segundo a expansão do PIB industrial e a participação dos manufaturados nas vendas externas)

1 Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira (1992-1993)



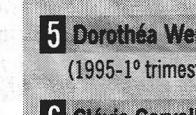
2 Alcides Tápias (4º trimestre de 1999-julho 2001)



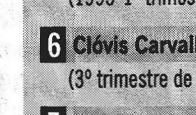
3 Élcio Álvares (1994)



4 Celso Lafer (1º e 2º trimestres de 1999)



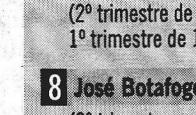
5 Dorothéa Werneck (1995-1º trimestre de 1996)



6 Clóvis Carvalho (3º trimestre de 1999)



7 Francisco Dornelles (2º trimestre de 1996-1º trimestre de 1998)



8 José Botafogo Gonçalves (2º trimestre ao 4º trimestre de 1998)

emergentes como México e Argentina, o Brasil tributa o comércio exterior em cascata. Quando está pronto, o produto carrega para o preço taxas como PIS, Cofins, Imposto sobre Produtos Industrializados e Imposto sobre Exportações sobre a cadeia produtiva. Na Argentina e no México, no entanto, a cobrança é sobre o valor agregado (o que o fabricante contribui no avião ou no sapato).

Apenas PIS e Cofins fazem com que a indústria pague 103,48% sobre os salários dos trabalhadores. Nos automóveis, a taxa é tão alta que as plantas nacionais são consideradas umas das menos competitivas do mundo: a participação de impostos no preço é de 33,8% no Brasil. O impacto mais elevado no Primeiro Mundo é observado na França e fica em 17,1%. Mesmo na Argentina, os impostos representam 21% do preço.

— Esta é a principal barreira, pois estamos no caminho certo. A participação de produtos dinâmicos, cujas exportações crescem muito

no mundo, subiu 7% em relação à média global nos anos 90, enquanto a dos produtos decadentes despencou 20% — diz Fagundes.

Os economistas sinalizam, ainda, que as exportações podem sofrer bastante com o agravamento do cenário econômico internacional. Isso porque o dinamismo da indústria (o setor mais exportador) tem sido condicionado pelo volume de recursos disponíveis para projetos de modernização e ampliação. Especialmente o investimento externo. Na atual conjuntura, as multinacionais tendem a adiar projetos. No mercado, os financiamentos serão poucos e caros, por causa do risco Brasil. E como a economia terá um baixo crescimento, a geração de caixa também será afetada.

— Há poucos canais de crédito no Brasil. Os recursos obtidos com financiamentos representaram, ano passado, 50% das exportações. O padrão internacional é de 75%. Na Argentina, em 1998, estava em 80% — diz Alexandre Fischer.

O cenário também não será aliado do novo

ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Sérgio Amaral, no projeto “exportar ou morrer”. Segundo o estudo, nos últimos nove anos, o desempenho dos sete ministros da área foi determinado unicamente pela conjuntura econômica. Ditaram as regras da balança comercial o dólar, os juros, os fluxos de investimento e a produção industrial.

O ranking é liderado pelo atual presidente da Federação das Indústrias do Rio (Firjan), Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira. Ministro do ex-presidente Collor entre 1992 e 1993, ele foi beneficiado por uma mididesvalorização do cruzeiro novo e pela expansão de 3,9% da economia. Alcides Tápias, que ficou na pasta justamente no período de recuperação da indústria, entre 1999 e 2001, vem em seguida. No cargo durante um dos períodos mais difíceis da economia nacional (efeitos da crise asiática, crise russa e tensão pré-desvalorização do real), em 1998, o embaixador José Botafogo Gonçalves teve o pior desempenho. ■